



ANÁLISE DA PAISAGEM NA DINÂMICA URBANA DE CUIABÁ/MT

Valdiney Vieira da Silva¹
Rosinaldo Barbosa da Silva²

RESUMO

A paisagem é uma categoria de análise fundamental na ciência geográfica. Ela revela e oculta as relações sociais de produção. Esta investigação está assentada nos conceitos: localizar, descrever e interpretar. Utiliza-se o mapa como instrumento para compreensão do mundo. O recorte espacial analisado delimita-se por um trajeto, localizado ao longo da rodovia Emanuel Pinheiro (MT 251). Objetiva-se interpretar as paisagens urbanas como produto da produção do espaço. A metodologia compõe-se de pesquisa bibliográfica, documental, empírica e confecção cartográfica. Os principais resultados são: constatação da produção desigual da paisagem; negação dos direitos sociais; descumprimento do Estatuto da Cidade - Lei nº 10.257 de 2001; implementação ideológica do planejamento urbano racionalizado e produtor de desigualdades em Cuiabá; identificação das possibilidades de uso estratégico e político do mapa, tanto no ensino, quanto na pesquisa. Ao identificar nesta investigação, o caráter mental-racional e prático-concreto do planejamento urbano, constata-se a necessidade da análise científica crítica àqueles que presidem os planejamentos estratégicos urbanos e, ao mesmo tempo fortalecer o uso do mapa como instrumento de desenvolvimento e transformação social.

Palavras-chave: Paisagem urbana; Produção do espaço, Desigualdades e Resistências.

ABSTRACT

Landscape is a fundamental analysis category in geographic science. It reveals and hides the social relations of production. This investigation is based on the concepts: locating, describing and interpreting. The map is used as an instrument for understanding the world. The analyzed spatial cutout is delimited by the path, located along the Emanuel Pinheiro highway (MT 251). The aim is to interpret urban landscapes as a product of the production of space. The methodology consists of bibliographical, documentary, empirical and cartographic research. The main results are: finding the uneven production of the landscape; denial of social rights; non-compliance with the City Statute - Law nº. 10,257 of 2001; ideological implementation of rationalized urban planning that produces inequalities in Cuiabá; identification of the possibilities of strategic and political use of the map, both in teaching and in research. By identifying in this investigation, the mental-rational and practical-concrete character of urban planning, there is a need for critical scientific analysis of those who presides over strategic urban planning and, at the same time, strengthen the use of the map as an instrument of social development and transformation.

Keywords: Urban landscape; Space production, Inequalities and Resistance.

¹ Doutorando em Geografia no Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal de Goiás (UFG), Instituto de Estudos Socioambientais (IESA), Campus II - Samambaia, Av. Esperança s/n, Jd. Itatiaia, CEP 74690-900, Goiânia, Goiás, Brasil. E-mail: valdiney207@gmail.com

² Doutor em Geografia (UNB), Mestre em Geografia, Licenciado e Bacharel em Geografia (UFMT), Técnico em Topografia e Geoprocessamento (CEFET-MT). E-mail: rosinaldo519@gmail.com



INTRODUÇÃO

A paisagem revela dimensões basilares da produção espacial, quando investigada para além da sua aparência, perceptível pelos seres humanos. O mapa é um instrumento essencial na análise do espaço e da paisagem, pois é um recurso de comunicação. A linguagem cartográfica é fundamental para aplicação no ensino e na pesquisa geográfica. Ela é um instrumento estratégico para o processo de ensino-aprendizagem. Permite o desvendamento dos processos contraditórios de transformações da realidade, promovida pela dinâmica produtiva contemporânea. É uma ferramenta para fortalecimento das reivindicações sociais, inclusive para implementação do Estatuto da Cidade e do direito à cidade.

Este ensaio é resultado de um trabalho de campo para conclusão da disciplina “A Linguagem Cartográfica e sua aplicação no Ensino e na Pesquisa Geográfica”, o qual terá como base o conceito de paisagem. O recorte espacial desta investigação delimita-se por um trajeto de 2,1 quilômetros, localizado ao longo da rodovia Emanuel Pinheiro (MT 251), que faz ligação da cidade de Cuiabá e de Chapada de Guimarães. Objetiva-se interpretar as paisagens urbanas como produto da produção do espaço.

Este trabalho está dividido em cinco seções: na primeira constitui-se pela introdução, onde está sendo apresentado os componentes do trabalho; na segunda situa-se a metodologia que apresenta-se os caminhos metodológicos e as ferramentas necessários para elaboração desta investigação. Na terceira, encontra-se o referencial teórico, que possui subseções, composto pelos itens: “Algumas definições sobre o conceito de paisagem”; os “Aspectos ideológicos do planejamento urbano em Cuiabá e aprofundamento das desigualdades socioespaciais” e uma breve reflexão a respeito do “mapa como instrumento de investigação para análise da paisagem”.

Na quarta seção, apresenta-se os resultados e discussão a partir da análise da paisagem e das desigualdades sociais na área de pesquisa, situada na Rodovia Emanuel Pinheiro em Cuiabá/MT. Na quinta seção encontra-se as considerações finais com proposições e conclusões da pesquisa. A presente investigação está assentada nos três conceitos estruturadores, segundo Ascensão; Valadão; Silva; (2018, p. 38) denominado: “tripé metodológico da Geografia – localizar, descrever, interpretar”. Segundo os autores esse tripé tem como finalidade elucidar a espacialidade.



METODOLOGIA

A metodologia compõe-se de pesquisa bibliográfica, documental, empírica e produção cartográfica. A pesquisa bibliográfica fundamenta-se em autores da perspectiva crítica da geografia, dentre eles Harvey (2013); Santos (1997); Cavalcanti (2008). A pesquisa documental assenta-se em análises Plano Estratégico Município de Cuiabá 2013-2023.

Na investigação empírica utilizou-se um celular para tirar fotos georreferenciadas e um aplicativo *Strava*³ para traçar a rota percorrida no trajeto. Após o trabalho de campo, foram importadas as fotos geolocalizadas para a plataforma *My Maps do google*, e ainda com o trajeto registrado no App Strava, foi possível desenhar a rota no My Maps⁴. Para cada imagem importada, foi adicionado informações, e reflexões da realidade socioeconômica e da paisagem. Utilizou-se, em seguida, o *software ArcGis*, as bases cartográficas, em formato *shapefile*, disponibilizadas pelo IBGE do ano de 2019 para a produção cartográfica.

Os procedimentos teóricos e metodológicos adotados nesta investigação científica permitem a análise do espaço geográfico e contribuem para o desenvolvimento da ciência e da sociedade contemporânea.

REFERENCIAL TEÓRICO

Algumas definições sobre o conceito de paisagem

O conceito de paisagem não é exclusivo da Geografia, pois o mesmo reina entre várias ciências, oferecendo inúmeras interpretações em diferentes áreas do conhecimento. No ensino de Geografia, a paisagem uma categoria de análise fundamental, sendo basilar na leitura da realidade, por parte dos escolares, a fim de ajudá-los na compreensão do mundo por meio de uma observação atenta, bem como análises, reflexões, descrições e indagações. Através da paisagem, os estudantes podem compreender o mundo, por meio das suas práticas sociais cotidianas. O conceito de paisagem mediado pelo professor, permite que os escolares possam vislumbrar elementos para a discussão da evolução da produção espacial, a fim de entender como ela se produz, remetendo-os ao modo pelo qual foi produzida.

Paisagem é um conceito bastante abrangente, sendo o ambiente terrestre considerado uma paisagem. Ela é tudo aquilo que os nossos olhos alcançam e bem mais que isso, pois:

³ https://www.google.com/maps/d/edit?mid=1ZVddvJsVYH2KZd_6_J7nAFcKsx_yMjf6&usp=sharing

⁴ Os aplicativos de mapeamento permite significativa democratização dos mapas e possibilita que os sujeitos construam seus próprios mapas. Ver mais em Brotton, (2014).



“[...] qualquer paisagem é composta não apenas por aquilo que está à frente de nossos olhos, mas também por aquilo que se esconde em nossas mentes” (MEINIG, 2002, p.35). Constitui-se um conjunto de formas físicas e humanas, estabelece-se de multiplicidade da vida social. Ela é sempre heterogênea, formada pela vida social, “multiplicidade e funções e quanto maior o número destas, maior a diversidade de formas e de atores (SANTOS, 1997, p. 65). Logo, a interpretação da realidade requer investigação, e pensamento crítico a respeito das formas naturais e artificiais impressas na formação das paisagens, ao longo do processo de organização dos espaços. Assim, a paisagem envolve o visível, o vívido e o devir social (CAVALCANTI, 2008). Para estes dos últimos autores, ela ponto de partida para entendimento do espaço geográfico.

Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais de Geografia (PCN's): “Uma paisagem [...], além de representar uma dimensão concreta e material do mundo, está impregnada de significados que nascem da percepção que se tem dela” (Brasil, 1998, p. 23). Percebe-se, que através da paisagem urbana, é possível compreender a produção espacial, bem como vislumbrar elementos para a discussão da produção espacial. Para a realização da leitura geográfica do espaço por meio do conceito de paisagem, deve-se considerar que os sujeitos sociais são integrantes do ambiente e agentes ativos nas transformações das paisagens. A análise da paisagem deve considerar o movimento da sociedade que a constitui: “[...] as transformações e não simplesmente a descrição e o estudo de um mundo aparentemente estático” (BRASIL, 1998, p. 26). Depreende-se que o espaço urbano é contraditório, fragmenta-se e conecta-se, demonstrando um campo de lutas.

Aspectos ideológicos do Planejamento Urbano em Cuiabá e aprofundamento das desigualdades socioespaciais

As ações de planejamento urbano em Cuiabá assenta-se no plano racionalista e estabelece perspectivas urbanas de longo prazo, a partir de cenários internos e externos (Matriz Swoot). As tendências e imposição de um “Mapa Estratégico” (CUIABÁ, 2013, p. 2013) têm o objetivo estruturante de inserir Cuiabá como a capital de gestão do sistema produtivo agrário mato-grossense. Intenta-se projetar a cidade, o urbano e a vida social no cenário nacional e mundial, ideologicamente para servir a estrutura produtiva e permitir maior fluidez das formas sociais do modo capitalista de produção no cenário de significativa financeirização.



Depreende-se em Cuiabá um planejamento com aspecto mental e social, o que permite a compreensão dessa dinâmica a partir das demarcações teóricas do planejamento urbano. Este não possui um significado social único e absoluto (CASTELLS, 2014, p. 393), pois as consequências sociais manifestadas a partir das intervenções do Estado e da iniciativa privada concretizam-se na vida urbana e na estrutura social. Consequências manifestadas em diferentes escalas e dinâmicas socioespaciais, tal como no recorte espacial analisado nesta pesquisa, localizado ao longo da rodovia Emanuel Pinheiro (MT 251) em Cuiabá, denunciando as desigualdades socioespaciais na paisagem urbana. Em sua essência o planejamento urbano em curso na capital mato-grossense possui o caráter ideológico tanto em “plano teórico, como no plano prático” (LEFEBVRE, 2001, p. 44).

Os projetos de planejamento urbano analisados na pensamento crítico são caracterizados pelas contradições produzidas específicos de cada contexto histórico, econômico, político e cultural. Os planejamentos levado à cabo por Haussmann em Paris, os projetos urbanísticos Le Corbusier (HARVEY, 2012), ou mesmo os planos britânicos de *Garden Cities* de Howard (CASTELLS, 2014, p. 394), influenciam a produção urbana nos Estados Unidos e em diversos países do mundo. Estes planos urbanísticos tem em comum o significativo papel na estabilização do capitalismo global, afirma Harvey (2014, p. 39-42):

No pós-guerra o modernismo assumiu fortes tendências positivista, influenciado pelo Círculo de Viena, com o positivismo lógico crucial para as práticas da arquitetura moderna e do avanço da ciência do controle técnico. O *slogan* “pela ordem, promover a liberdade” do arquiteto Le Corbusier deixa claro esse processo. Tratava-se de um projeto modernista racional e homogeneizante de renovação urbana, estabilização político-econômica pós-guerra, produzindo imagens de poder e prestígio para as corporações e governos.

O aumento da expansão do capitalismo mundial, assentada no desenvolvimento industrial e tecnológico desenvolveu-se de modo desigual, inserindo suburbanização como planejamento tanto nos Estados Unidos como nos países latino-americanos. Tendo a impossibilidade de homogeneização social, “o capitalismo produz o desenvolvimento geográfico desigual” (HARVEY, 2013, p. 475-480). A complexidade da cidade revela a diversidade social. Este é o entedimento apontado por Harvey (2012, p. 75) a partir a análise de Jane Jacobs. Ao pensar processos urbanos deve-se considerar os catalisadores desses processos, diz ela. E, alega que os planejadores se declaram inimigos da diversidade, pois temem a complexidade por considerá-la desorganizados e irracionais.



Ao constatar nesta investigação o caráter mental-racional e prático-concreto do planejamento urbano, compreende-se a necessidade da análise científica crítica àqueles que presidem os planejamentos estratégicos urbanos, visto que: “o capital financeiro se tornou um dos marcos definidores das intervenções discricionárias e autoritárias com finalidades unidirecionais: fazer da cidade um acúmulo de objetos flexíveis de consumo material e simbólico” (BARBOSA, 2018, p. 99). Entretanto, apesar da tentativa de padronização imposta pelo capitalismo, os espaços socialmente construídos são múltiplos, pois os sujeitos são diversos e “essa multiplicidade de espaços sociais é fundamental porque são cartografias de potências” (BARBOSA, 2018, p. 103). Nesse sentido, a análise crítica do processo de planejamento urbano estratégico em Cuiabá ganha novas proporções a partir da cartografia e do mapa como instrumento de análise geográfica, servindo para desvendar as contradições e as raízes da produção desigual do espaço geográfico.

É urgente o debate e implementações de ações concretas que reflita coletivamente essa questão: como os sujeitos sociais lutam contra a condição de segregados para resistir e manifestar suas multiplicidades em Cuiabá? Considera-se que as particularidades vivenciadas em Cuiabá é produto das desigualdades socioeconômicas engendradas na sociedade brasileira e sua inserção periférica no capitalismo mundial. Reproduzem-se, assim, imposições corpóreas nas favelas, ocupações urbanas e áreas de periferia social. Espaços onde a negação do direito à cidade, o predomínio da precarização, da carestia, violências estatais e privações de direitos sociais se complexificam na tessitura da vida prática concreta e cotidiana. Ao mesmo tempo, constroem-se cotidianamente resistências e lutas pelo existir com dignidade e plenitude humana, nesse sentido, o mapa se coloca como importante instrumento para promover a análise do espaço e da paisagem geográfica e aprofundar a compreensão da realidade social.

O mapa como instrumento de investigação para análise da paisagem

O mapa permite a leitura do espaço geográfico e a ampliação do entendimento da paisagem para além da sua forma vista naturalizada e geralmente inquestionada cotidianamente. Harley (2005), define mapa como: “representação gráfica que facilita a compreensão espacial dos objetos, conceitos, processos e fatos do mundo humano”. Entende-se que o mapa deve ser utilizado pelo docente e pelos estudantes, cientes do poder político que ele possui, uma vez que a cartografia pode ser tanto um instrumento de transformação da realidade, quanto para manter a estrutura social: “se a cartografia é capaz de esconder e revelar (e também de constituir) as estratégias da produção social do espaço” (BATISTA, 2020, p. 238). Para a autora, o ato de mapear é ligado do ato de produzir a realidade e de



conhecer a si mesmo, para ela mapear é mobilizar, é “sobretudo um **projeto espacial**. Portanto, ler e produzir mapas é ler e produzir o mundo, o que se quer dele, seja para transformá-lo, seja para retificá-lo (BATISTA, 2020, p. 238) [grifos nosso].

A produção cartográfica é realizada a partir das intenções daquele que o elabora. Assim, o mapa possui um caráter dissimulador, faz com que” os **observadores acreditem [...], que essa perspectiva é verdadeira**, que eles não estão mais presos à terra, olhando para um mapa (Brotton, 2014, p.16) [grifos nosso]. Assim, a análise do fragmento espacial desta pesquisa, utiliza o mapa como instrumento para permitir a compreensão crítica, a partir da representação dos fenômenos geográficos, da realidade concreta. Deste modo, a representação cartográfica revela a interpretação criativa do sujeito, do pesquisador, dos estudantes e dos professores: “O mapa, seja qual for seu meio ou sua mensagem, é sempre uma interpretação criativa do espaço que afirma representar” (BROTTON, 2014, p. 22). Entretanto, Lévy (2008, p.165) indaga: “seremos capazes de produzir mapas ao mesmo tempo legíveis, utilizáveis e pertinentes para representar os espaços do mundo contemporâneo?”, essa reflexão deve permear a de produção cartográfica.

Para Giraldi (2014, p. 91) os mapas inexoravelmente são imagens que apresentam lugares. Sendo assim, podendo ser o ponto de partida de uma investigação, neles “[...] a combinação espaço-cotidiano-experiência torna-se pertinente [...]”, (CAZETTA, 2009, p.5). Depreende-se que os mapeamentos podem ganhar forma e sentido à medida que findem as práticas socioespaciais ao cotidiano: “[...] o mapa como uma importante linguagem presente na prática escolar, é preciso compreender que ele não é a única linguagem. Todas as linguagens possuem suas características específicas e contribuem para ampliar as formas de leituras de mundo dos indivíduos”, alega Richter, (2011, p. 32). Segundo ele, cabe ao docente realizar o trabalho didático com consciência da importância de conexões com as representações cartográficas, para constituir um ensino capaz de formar alunos mais atentos às questões espaciais. Pois o “[...] o ato de utilizar, ler refletir e construir um mapa está diretamente relacionado ao processo de um olhar mais espacial.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Análise da Paisagem: desigualdades sociais, rodovia Emanuel Pinheiro, Cuiabá/MT

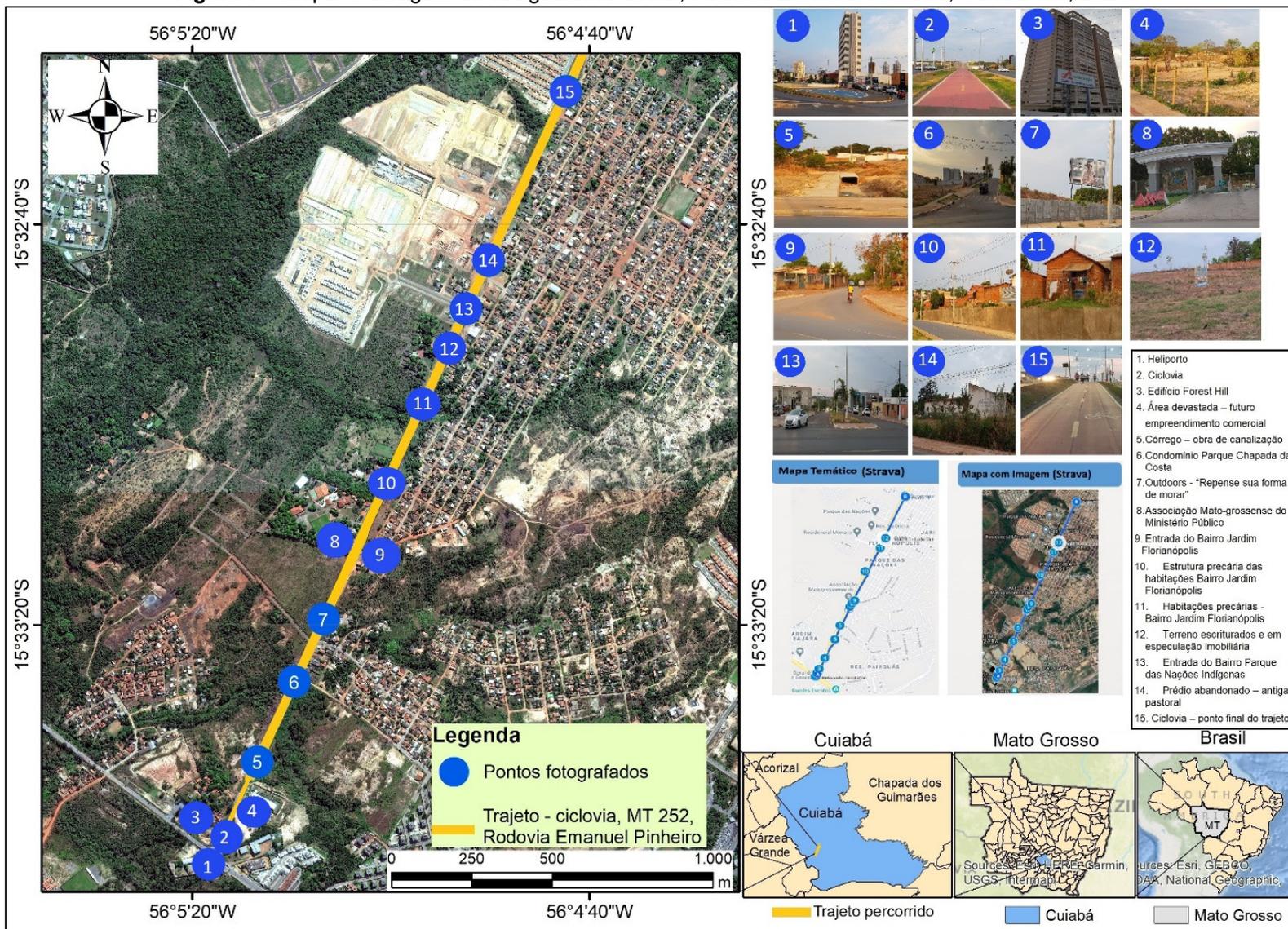
As paisagens e as formas urbanas podem ser enxergadas e percebidas de modo automático, sobretudo quando estrutura-se um cotidiano massificado, fragmentado e alienante. É preciso “aprender a ver as formas ocultas na vasta extensão de nossas cidades”, (Lynch, 1997, p. 14). A compreensão e significados de uma determinada realidade pode variar significativamente entre os observadores (*Idem*). Assim, o desenvolvimento da leitura da paisagem pelos estudantes ganham significados singulares ao mesmo tempo em que se constroem, por meio da troca, escuta e práticas sociais diferes a noção de totalidade, de mundo. Destarte, compreende-se que o fragmento espacial analisado neste trabalho, revela e oculta as contradições do modo de produção vigente e as desigualdades sociais que se reproduzem nas relações sociais globais e nas realidades vividas em diversos lugares. A paisagem, produzida socialmente e revela os processos da produção do espaço, pois “é um conjunto de formas heterogêneas, de idades diferentes, pedaços de tempos históricos representativos das diversas maneiras de produzir as coisas, de construir o espaço” (SANTOS, 2008, p.40).

Esse entendimento crítico da paisagem é o fio condutor desta pesquisa. A área investigada, possui um trajeto de 2,1 quilômetros, localizada ao longo da rodovia Emanuel Pinheiro (MT 251), ela faz ligação da cidade de Cuiabá à cidade de Chapada de Guimarães. A análise do fragmento espacial permite a compreensão da realidade para além das experiências sensíveis, dos sentidos. Os elementos geográficos formadores da paisagem que não couberam na escala fotográfica (olhar), são ilustrados no mapa, que constitui-se como uma espécie de ampliação desse olhar (FONSECA, 2019).

Depreende-se que o mapa (figura 1) possibilita a ampliação da leitura e entendimento crítico da área investigada, pois a “representação gráfica [...] facilita a compreensão espaciais dos objetos” (HARLEY, 1991, p. 7). Deste modo, o mapa revela, a partir da representação dos fenômenos geográficos, tal como a “realidade que o inspirou” (FONSECA, 2019, p. 52). Ele permite, inclusive o desenvolvimento da percepção espacial do investigador, a qual pode ser verificada por meio das análises das paisagens realizada. Iniciou-se a pesquisa *in loco* na rotatória de acesso à Rodovia Emanuel Pinheiro (MT 251), onde está localizada o Heliporto (foto nº 1), a poucos metros do prédio da Procuradoria Geral do Estado (PGE).



Figura 1 – Mapa - Paisagem da desigualdade social, Rodovia Emanuel Pinheiro, Cuiabá-MT, 2021.



Elaboração: SILVA, V.V. 2021 e SILVA, R.B. 2021. Fotos: SILVA, V.V. 2020.



Esse local é de entroncamento entre as rodovias Helder Cândia (Estrada da Guia / MT-010) – acesso ao norte do estado e a Emanuel Pinheiro (Estrada da Chapada / MT-251) – Acesso ao estado Goiás.

No ponto seguinte (foto nº 2) ao centro da Rodovia Emanuel Pinheiro (MT 251) há uma ciclovia com 3,6 km de extensão. E ao longo dela, constata-se a segregação socioespacial, que é contrastada entre o lado direito⁵ (bairros periféricos, onde boa parte dos lotes são oriundos de grilagem) e o lado esquerdo (condomínios fechados, marcados pela especulação imobiliária e empreendimentos de alto padrão). A ciclovia marca o limite entre duas cidades: a cidade legal, autorizada pela lei, e, de outro lado, a cidade ilegal, que cresce à revelia do Estado. A poucos metros, à esquerda da rodovia, situa-se o Edifício *Forest Hill* (foto nº 3). Ele é de alto padrão, localizado numa das regiões que mais crescem em Cuiabá. Os apartamentos possuem 441,55m², sendo dois por andar, com cinco suítes, sendo uma máster e quatro vagas de garagem. Com essas descrições, percebe-se que morar nesse edifício é um “privilegio” de um seletivo grupo de pessoas, com alto poder aquisitivo. Esse edifício, revela a segregação e as desigualdades socioespaciais visíveis na paisagem geográfica, haja visto que o mesmo está localizado no Bairro Ubirajara, onde predomina-se a ocupação de pessoas com baixo poder aquisitivo e com moradias populares, às margens da rodovia MT 251.

Ao continuar o trajeto, identifica-se do direito da rodovia MT 251, uma área praticamente devastada (foto nº 4), onde será instalado um novo empreendimento comercial do ramo atacadista, segundo informações de populares. Através da imagem também é perceptível verificar alguns remanescentes de Cerrado (cobertura vegetal original na região), bem como alterações no relevo e solo. Logo em seguida, ainda à direita da Rodovia, encontra-se uma parte do córrego sendo canalizada (foto nº 5), devastando a vegetação nativa de preservação. A obra além de impactar o relevo/solo/vegetação, degrada diretamente uma nascente que havia na parte baixa, a qual foi canalizada e passou a servir como rede de esgoto. Seguindo o caminho, à esquerda da rodovia, situa-se a entrada para os principais empreendimentos imobiliários fechados da região, destaca-se o condomínio Parque Chapada da Costa (foto nº 6), localizado no Jardim Ubirajara, o qual teve sérios problemas com Ministério Público Estadual (MPE). Isso se deu por conta de que, para a construção do condomínio, a incorporadora degradou quatro nascentes, suprimiu a vegetação das áreas de preservação permanente (APP's) existentes na área. Para que a obra fosse liberada,

⁵ Utiliza-se a referência *lado direito* e *lado esquerdo*, tal como consta na orientação do mapa (figura 1), ou seja, faz alusão ao sentido do percurso, de Cuiabá em direção à Chapada dos Guimarães.



incorporadora fechou um acordo com MPE (Ministério Público Estadual), no valor de 4 milhões a fim de que a justiça pudesse liberar a entrega dos imóveis aos moradores.

Aa continuar o caminho, depara-se com a Associação Mato-grossense do Ministério Público (foto nº 8), localizada ao lado esquerdo da rodovia e em frente à entrada do Bairro J. Florianópolis. O prédio possui fachada opulenta, com vidros espelhados, que revela em sua forma a monumentalidade, o poder. Estrategicamente ao lado dessa edificação, há um terreno sem edificação, em especulação imobiliária e ainda há um outdoors (foto nº 7) com a seguinte frase: “Repense sua forma de morar”. Diante dessa frase, questionamos: como os moradores do lado direito leem/entendem essa propaganda? No ponto seguinte, à direita da rodovia está registrada a entrada do bairro Jardim Florianópolis (foto nº 9). Com quase de 30 anos de existência, o bairro é alvo constante de reivindicações para a conquista do direito à cidade por parte de seus moradores. Entre as principais queixas, o abandono dos espaços públicos, bem como a falta de asfaltamento das ruas do bairro. Assim como a questão do asfalto, a rede de esgoto é precária.

A violência, a negação dos direitos sociais, a marginalização e estigmatização foram construídos historicamente pela estrutura social e econômica do país e perpetua-se com níveis cada vez mais acentuado de desigualdades socioeconômicas. A luta por conquista de direitos sociais e a urbanidade é uma constante na realidade cotidiana dos sujeitos que ali vivem. Ainda do lado direito da rodovia, a estrutura precária das habitações deste bairro, revela a ausência de infraestrutura e da ação do Estado (foto nº 10 e nº 11). A moradia é um direito, mas negado. Os moradores do bairro Jardim Florianópolis possuem pequeno poder aquisitivo, desse modo, não podem pagar um aluguel em um bairro estruturado e muito menos adquirir uma casa ou apartamento nele.

As casas construídas aos poucos pelos próprios moradores parecem sempre inacabadas, as quais são construídas da forma que as necessidades e os recursos permitem, embora isso não transforme sua condição social, possibilita-lhes ter um "teto" para morar. Enquanto isso, a poucos metros, à esquerda da rodovia, há vários terrenos escriturados e em especulação imobiliária (foto nº 12). Percebe-se uma placa, onde o proprietário está oferecendo a área com intenções de lucrar. Dentre as várias consequências dessa especulação, há a formação de bairros especializados ou socialmente diferenciado, para atender exclusivamente aquelas pessoas que podem pagar pelo terreno.

Consta-se assim, o não cumprimento da função social da propriedade e da cidade, regulamentada pelo Estatuto da Cidade - Lei nº 10.257 de 2001, nem mesmo do planejamento relativo ao desenvolvimento social no ambiente urbano, tal como estabelece as diretrizes



sobre a política urbana em seu art. 2º, inciso IV “planejamento do desenvolvimento das cidades, da distribuição espacial da população e das atividades econômicas do Município e do território sob sua área de influência, de modo a evitar e corrigir as distorções do crescimento urbano e seus efeitos negativos” (BRASIL, 2001).

O direito à cidade, negado pelo poder público à maior parte da sociedade fica evidente igualmente no descumprimento do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Cuiabá - Lei complementar nº 003. De 24 de dezembro de 1992 – que traz em seu artigo 50, os seguintes princípios: “IV: direito à Cidade para todos, compreendendo o direito à terra urbana, à moradia, ao saneamento ambiental, à infraestrutura urbana, ao transporte, aos serviços públicos, ao trabalho e ao lazer; (...) VII - direito universal à moradia digna” (CUIABÁ, 1992).

Ao continuar o trajeto, encontra-se a entrada do Bairro Parque das Nações Indígenas (foto nº 13), formado por condomínios de casas e edifícios. Logo em seguida, ao lado direito da rodovia, verifica-se mais um contraste: um prédio abandonado (foto nº 14). Por essa foto pode-se fazer inúmeras inferências. A foto diz muito do bairro Jardim Florianópolis, a qual a antiga pastoral social estava inserida. Podemos nos questionar sobre as questões sociais no bairro, fazendo um paralelo com o bairro Parque das Nações Indígenas: por que apesar de ambos serem separados apenas por uma rodovia/ciclovía há uma discrepância tão gritante? A situação socioeconômica e infraestrutura de ambos os bairros divergem. Constata-se que o espaço tornou-se um produto de relações de poder, revelada e ocultada na paisagem.

No último ponto, encontra-se a ciclovía (foto nº 15), como parte do espaço urbano, é resultado da luta de diferentes classes sociais, e por meio da observação desta foto, podemos fazer inúmeras reflexões, dentre elas: como que se dá a relação entre os espaços segregados (lado direito e lado esquerdo)? Há conflitos entre a elite e a classe média do lado esquerdo e os grupos de classes populares do lado direito? A presente análise do recorte espacial investigado, permite a constatação do acesso desigual ao espaço urbano, formando um mosaico que representa as diferenças econômicas e sociais. A ciclovía é o limite que representa o acesso desigual ao solo urbano (lado direito e lado esquerdo). A construção do espaço urbano, motivada pelo capital, faz surgir a cidade enquanto reprodução do poder das classes sociais. Uma cidade partida e segregada.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desta investigação constata-se o planejamento urbano em Cuiabá assenta-se no plano racionalista e ideológico, ao buscar projetar a cidade, o urbano e a vida social no cenário nacional e mundial, com intenção de fortalecer a estrutura produtiva e o desenvolvimento do modo capitalista de produção internacional. Como consequência, produzem-se contradições e aprofundamento das desigualdades socioespaciais em múltiplas escalas, inclusive no recorte espacial investigado situado ao longo da rodovia Emanuel Pinheiro em Cuiabá.

A paisagem revela dimensões basilares da produção espacial. Ela está em constante transformação, revelando o movimento da produção do espaço urbano. Ao mesmo tempo, a paisagem revela e oculta as relações sociais de produção, as condições reais, as desigualdades socioeconômicas, a segregação, a negação de direitos e as contradições entre o valor de uso e valor de troca, manifestadas nas distintas realidades concretas, vividas socialmente em Cuiabá, em especial no recorte espacial analisado. De qualquer forma, o acesso desigual ao espaço urbano, forma um mosaico que representa as diferenças econômicas e sociais. A ciclovia é o limite que representa o acesso desigual ao solo urbano (lado direito e lado esquerdo). A construção do espaço urbano, motivada pelo capital, faz surgir a cidade enquanto reprodução do poder das classes sociais. Uma cidade partida e segregada.

Constata-se ainda que os agentes produtores do espaço, formadores da paisagem geográfica: Estado, iniciativa privada, os docentes, os estudantes e os sujeitos sociais da comunidade local, podem recorrer a cartografia para melhor representar o espaço. Nesse sentido, pesquisas futuras devem levar em considerações a promoção de debate e implementações de ações concretas que reflita coletivamente a seguinte questão: como os sujeitos sociais lutam contra a condição de segregados para resistir e manifestar suas multiplicidades em Cuiabá? Como colocar em prática as possibilidades de produção e uso social do o mapa como instrumento de análise do espaço, resistencia e luta pelo direito à cidade?

Compreende-se que o mapa deve ser efetivamente utilizado como instrumento de reivindicação do direitos sociais e urbanos constantemente negados. Ele permite o desenvolvimento do conhecimento da realidade ambiental, natural, social, político e econômico. A partir desse meio de comunicação a análise do espaço e da paisagem urbana ganham dimensões mais profundas e potentes de transformação da realidade.



REFERÊNCIAS

ASCENÇÃO, Valéria de Oliveira Roque. VALADÃO, Roberto Célio. SILVA, Patrícia Assis da. **Do uso pedagógico dos mapas ao exercício do Raciocínio Geográfico**. Boletim Paulista de Geografia v. 99, p.34-51,2018.

BARBOSA, Jorge Luiz. **Por uma cartografia de microutopias para reinvenção da cidade**.

BATISTA, Sintia Cristina. **Desafios ao ensino de Cartografia na formação da geógrafa e do geógrafo do século XXI**. Revista Geografar, Curitiba, V.15, n. 1, p. 220-242, jan a jun. 2020.

BRASIL. **A cartografia como um instrumento na aproximação dos lugares e do mundo**. Parâmetros curriculares nacionais: geografia – 5.a a 8.a séries, 1998. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **Lei nº 10.257**. Estatuto das Cidades. Brasília, DF. De 10 de julho de 2001.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: geografia / Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/ SEF, 1998.

BROTTON, Jerry. **Uma história do mundo em doze mapas**. Tradução Pedro Maia. – 1 Ed. – Rio de Janeiro; Zahar 2014.

CASTELLS, Manuel. **A questão urbana**. 6ª edição, São Paulo: Paz e Terra, 2014.

CAVALCANTI, Lana de Souza, **A geografia e a cidade: Ensaio sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana**. Campinas, SP: Papirus, 2008.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Geografia, escola e construção de conhecimentos. Campinas: Papirus, 1998.

CAZETTA, Valéria. **Aproximações e distanciamentos entre a linguagem cartográfica e outras linguagens**. Biblio 3w: Revista Bibliográfica de Geografia y Ciencias Sociales, [en línea], 2009, Vol. 14.

CUIABÁ, Prefeitura Municipal de Cuiabá. **Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Cuiabá**. Lei complementar nº 003. De 24 de dezembro de 1992.

CUIABÁ. **Plano Estratégico Município de Cuiabá 2013-2023: Cuiabá, capital do Pantanal e do Agronegócio**. Prefeitura municipal de Cuiabá, 2013. Disponível em: <<http://www.cuiaba.mt.gov.br/secretarias/fazenda/plano-estrategico-2013-2023/>> Acesso em junho de 2021.

FONSECA, Fernanda Padovesi. **O espaço como representação**. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (Org.). A necessidade da Geografia. São Paulo: Contexto, 2019. p.42-53

GIRARDI, Gisele. **Modos de ler mapas e suas políticas espaciais**. In: Revista Espaço e Cultura, n. 36, 2014. p. 85-110. Disponível em <https://goo.gl/GAVrWu>

HARLEY, J. B. **A nova história da cartografia**. O Correio da Unesco, 19 (8): 4-9, 1991.



HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança Cultural**. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 1992. 23ª edição, 2012.

HARVEY, David. **Os limites do Capital**. São Paulo: Boitempo, 2013.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

LÉVY, Jacques. **Uma virada cartográfica?** In: Acelrad, Henri (Org.). *Cartografia social e território*. Rio de Janeiro: UFRJ/IPPUR, 2008

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. Tradução Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MEINIG, Donald W. **O olho que observa: dez versões da mesma cena**. *Espaço e Cultura*, n. 13, p. 35-46, 2002 [1976].

RICHTER, Denis. **Pressupostos teóricos da cartografia escolar**. In: Richter, Denis. *O mapa mental no ensino de geografia: concepções e propostas para o trabalho docente*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011 p. 23-44.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do espaço habitado**. São Paulo: EDUSP, 2008. HUCITEC, 1988.

SANTOS, Milton. **Pensando o Espaço do Homem**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SERPA, Angelo; CARLOS, Ana Fani Alessandri (organizadores). **Geografia urbana: desafios teóricos contemporâneos**. EDUFBA, Salvador, 2018.